

Representação de objeto e organização psíquica: Integração dinâmica dos dados do Rorschach

Manoel Antônio dos Santos

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto (USP)

Cícero E. Vaz

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

RESUMO

Foi feita uma revisão da literatura sobre as representações temáticas e de conteúdos, presentes nas verbalizações do psicodiagnóstico de Rorschach, tendo em vista a integração dinâmica das informações e a psicodinâmica do mundo interno/externo do paciente ou examinando. Foram passadas em revista as principais abordagens e principais sistemas de trabalho com o Rorschach, na busca de aperfeiçoar o uso convencional de escores, integrados a pressupostos teóricos e modelos conceituais. Foi constatado que a partir da década de cinquenta do século dezenove novas abordagens na organização dos temas foram incorporadas ao esquema clássico de aferição das verbalizações e respostas no Rorschach, gerando diferentes, mas cientificamente relevantes sistemas de avaliação psicológica. O conceito representação de objeto, o processo de interpretação dinâmica e integrativa entre os dados quantitativos do Rorschach e outras informações, constituem o Rorschach de que espera o psicólogo clínico ou psicólogo pesquisador numa avaliação psicológica.

Palavras-chave: Rorschach; diagnóstico; esquizofrenia; relações objetais; técnicas projetivas.

ABSTRACT

Object representation and psychic organization: Dynamic integration of the Rorschach data

It was reviewed the literature about the thematic representations and about the contents present in the verbalizations of the Rorschach psychodiagnosis, considering the dynamic integration of the information and the psychodynamic of the patient's or examinee's internal/external world. The authors have reviewed the main approaches and the main work systems using the Rorschach, as to improve the usage of conventional scores, connected to theoretical background and conceptual models. It was noticed that from the 50's in the 19th century, new approaches on the organization of themes were incorporated to the classical measuring system of verbalization and answers in the Rorschach, generating different but scientifically relevant systems of psychological evaluation. The concept of object representation, the process of dynamic and integrative interpretation between the quantitative data from Rorschach and other pieces of information, constitute the Rorschach as expected, by a clinical psychologist as by a research psychologist in a psychological evaluation.

Key words: Rorschach; diagnostics; schizophrenia; object relationship; projective techniques.

As últimas décadas têm testemunhado importante expansão dos estudos da avaliação psicológica, não apenas em termos de normalidade, mas também em termos de transtornos mentais e da personalidade, por meio das técnicas projetivas, assentados em referenciais teóricos diversos, particularmente de inspiração psicanalítica. As bases para o desenvolvimento dessa abordagem podem ser rastreadas desde meados da década de quarenta – quando Rapaport, Gill e Schafer (1945) publicaram *Testes de diagnóstico psicológico*, uma obra que se tornaria clássica nesse campo – e o início da década de cinquenta – quando Schafer

(1954a, 1954b) lançou seu importante livro *Interpretação psicanalítica de testes psicológicos: Teoria e aplicação*. Essas publicações pioneiras foram seguidas por uma linhagem de estudos que desemboçariam nos trabalhos de autores norte-americanos como Mayman (1967), Blatt (1974) e de autoras francesas como Chabert (1983, 1987, 1990) e Rausch de Traubenberg (1981, 1983a, 1983b, 1986, 1987).

Um rastreamento dos trabalhos situados nesse campo conduz inevitavelmente, ao momento histórico em que Rapaport e seus colaboradores sistematizaram um outro referencial metodológico e articularam as

bases teóricas necessárias para a investigação do *mundo representacional* por meio dos testes psicológicos (Rapaport et al., 1945). A teoria e a aplicação das técnicas de exame psicológico, a partir de então, começaram a ser enriquecidas com as contribuições do paradigma psicanalítico quanto ao estudo e avaliação da personalidade. O paradigma psicanalítico, por sua vez, também começou a se beneficiar dos aportes empíricos proporcionados pelas investigações realizadas, utilizando-se dos testes psicológicos, especificamente os projetivos.

Schafer (1948, 1954a, 1954b, 1960) foi um dos primeiros autores a trabalhar com o conceito psicanalítico de representação (Beres e Joseph, 1970) no âmbito das técnicas projetivas. Foi, sem dúvida, um dos estudiosos do Rorschach que mais contribuiu para o estabelecimento das bases teóricas e técnicas na utilização dos testes psicológicos para avaliar mudanças estruturais e intrapsíquicas. Contudo, observa Lerner (1983), o modelo da psicologia do ego, no qual se baseou Shafer, não se constituiu um contraponto suficientemente forte ante o da teoria das relações objetais, considerada menos mecanicista, extraída diretamente da experiência clínica, e cujos conceitos provêm de dados oriundos do campo da psicoterapia. A teoria das relações objetais, introduzida por Melanie Klein, postula que o desenvolvimento emocional se dá com base nas relações, tanto internas como externas, que o ser humano estabelece desde a mais tenra infância (Meissner, 1979). As relações de objeto se referem às relações que o indivíduo é capaz de vivenciar, tanto em seu mundo interno quanto em seu mundo externo. A representação de objeto é, por conseguinte, a forma como essas relações são representadas no plano psíquico, constituindo a vida mental do indivíduo (Sandler e Rosenblatt, 1962).

Para Schachtel (1966a, 1966b), as qualidades experienciais, externalizadas por meio das manchas de tinta do psicodiagnóstico de Rorschach, não são captadas com toda sua riqueza somente pelos sistemas de classificação habituais. A avaliação clínica deveria incluir outras abordagens, além da avaliação convencional de determinantes e conteúdos. Para uma maior utilidade clínica dos dados do psicograma, continua o autor, seria conveniente explorar outros aspectos das respostas que ultrapassam a mera consideração de suas características perceptuais. Nesse sentido, há inúmeros enfoques possíveis baseados na elaboração associativa do sujeito, e a avaliação clínica deve integrar conceitos teóricos para aprimorar as conclusões. Rapaport e Schafer perceberam a necessidade de avaliar aspectos qualitativos das respostas e procuraram integrar a teoria psicanalítica aos métodos de avaliação psicológica.

Faz-se necessária uma análise do Rorschach dando a devida importância a todos os aspectos da reação do sujeito, desde as categorias tradicionais até a seqüência de suas respostas, suas atitudes frente à prova e os aspectos dinâmicos implícitos nos conteúdos (Schafer, 1954a). Assim, ao se incluírem elementos da elaboração associativa do examinando, busca-se aprimorar o uso convencional de escores que, em alguns casos, podem até ser substituídos por sistemas que avaliem a organização de determinados temas, integrados a pressupostos teóricos e modelos conceituais. Desse modo, nas últimas décadas novos sistemas de escore das respostas foram integrados ao esquema clássico de avaliação do Rorschach, contribuindo para sua consolidação como instrumento de avaliação para a clínica e para a pesquisa (Piotrowski, 1957; Bohm, 1968; Klopfer, Meyer e Brawer, 1970; Exner, 1991).

REPRESENTAÇÃO DE OBJETO E DE RELAÇÕES OBJETAIS

A abordagem representação de objeto e de relações objetais, feita por meio do Rorschach, destacou-se na literatura especializada entre pesquisadores de língua inglesa, sobretudo norte-americanos. Situam-se nesse contexto de pesquisa o trabalho de Mayman (1967) e Blatt e sua equipe de colaboradores: Blatt (1974); Blatt e Ritzler (1974); Blatt e Wild (1975, 1976); Blatt, Brenneis, Schimek e Glick (1976); Blatt, Schimek e Brenneis (1980); Gorney e Weinstock (1980); Kwawer (1980); Ritzler, Zambianco, Harder e Kaskey (1980); Spear (1980); Spiro e Spiro (1980); Blatt e Lerner (1983a, 1983b); Lerner e St. Peter (1984a, 1984b); Blatt, Ford, Berman, Cook e Meyer (1988); Blatt, Tuber e Auerbach (1990). A maioria desses autores focaliza a estrutura das respostas, propondo-se a avaliar o nível de desenvolvimento das representações de objeto e do conceito de objeto expressos no Rorschach. Em seus estudos, tinham como objetivo operacionalizar os conceitos psicanalíticos da teoria das relações objetais, tentando elaborar instrumentos de avaliação que partissem desses marcos conceituais. Esses instrumentos de avaliação permitiriam testar as hipóteses geradas pela expansão dessa área do conhecimento psicológico, a partir dos trabalhos de Melanie Klein, Fairbairn e Winnicott, entre outros (Jacobson, 1964; Guntrip, 1969; Kanzer, 1979; Bacal, 1987).

Os seguidores dessa abordagem (Mayman, 1967; Blatt e Ritzler 1974; Blatt e Wild, 1975, 1976; Blatt et al., 1976; Blatt et al., 1980) partem do pressuposto de que existe uma interação recíproca e constante entre as *relações interpessoais passadas e presentes* e o *desenvolvimento das representações de objeto*. Essas

representações, por sua vez, influenciariam a organização psíquica do sujeito, modificando-a, possibilitando que ele perceba e vivencie algumas facetas novas e mais complexas das relações interpessoais. Nessa medida, abre-se a perspectiva de se avaliar o grau de desenvolvimento psicológico dos indivíduos mediante a investigação de suas representações de objeto. Pode-se, por exemplo, tentar estabelecer um paralelo entre determinadas disfunções psíquicas e certos prejuízos na constituição de tais representações mentais.

O comprometimento no desenvolvimento das representações de objeto pode, portanto, ocorrer em diferentes níveis. Para Blatt e seu grupo de pesquisadores, o grau de comprometimento dessas representações é um fator importante na configuração da estrutura de personalidade subjacente e na organização dinâmica dos diferentes tipos de psicopatologia.

Blatt e Wild (1976), comparando protocolos do Rorschach de pacientes psicóticos internados com os de sujeitos normais, descobriram que os primeiros fornecem mais respostas humanas em níveis evolutivos inferiores, mas com um bom nível formal, e mais respostas humanas em níveis evolutivos superiores, porém com baixo nível formal. Ritzler et al. (1980) replicaram essa pesquisa em psicóticos, tendo em vista identificar padrões de conceito de objeto no Rorschach, conseguindo demonstrar que o sistema de Blatt é capaz de discriminar pacientes com transtorno esquizofrênico de psicóticos não-esquizofrênicos. Os autores concluem que os psicóticos se defendem das exigências da realidade, sendo incapazes de reunir recursos para enfrentá-la de um modo adaptativo; contudo, podem funcionar, no âmbito de seu mundo de fantasia, em um nível relativamente avançado. O sistema também foi utilizado em estudos de caso, ilustrando assim, diferenças entre várias categorias diagnósticas (Blatt, Wild e Ritzler, 1975; Blatt e Lerner, 1983b) e mudanças resultantes de intervenção psicoterápica (Blatt et al., 1980; Lerner, 1983; Blatt et al., 1988).

Essas concepções teóricas tomadas como modelos para as técnicas de avaliação psicológica foi alvo de duas diferentes abordagens primárias, que apresentam em comum o fato de proporem a utilização das interações humanas descritas no material projetivo como um reflexo externo dos “conceitos objetivos” profundos, em torno dos quais o indivíduo organiza seus relacionamentos diários. As duas abordagens se distinguem, fundamentalmente, por focalizarem diferentes aspectos básicos: de um lado, os aspectos de conteúdo (temáticos/dinâmicos), e do outro, os aspectos formais/estruturais das respostas.

1 A abordagem temática/dinâmica

Os trabalhos de Mayman e colaboradores (Krohn, Ryan e Urist), pesquisadores oriundos da Universidade de Michigan, focalizam os componentes “temáticos” das representações de objetos (isto é, os conteúdos das respostas), em uma ampla variedade de técnicas projetivas, além de relatos de sonhos e de reminiscências infantis. Esses dados, juntamente com os perceptos obtidos no Rorschach, são considerados como “representações de paradigmas prototípicos” das relações objetivas profundas. Os autores filiados a essa corrente teórica (Mayman, 1967; Ryan, 1970, in Spear, 1980; Krohn, 1974; Krohn e Mayman, 1974; Urist, 1977; Frieswyk e Colson, 1980; Ryan, Avery e Grolnick, 1985; Hatcher e Krohn, 1988) desenvolveram diversas escalas, baseadas nos trabalhos de Mahler (1967) e de Kernberg (1966). O primeiro desses trabalhos aborda o papel dos vínculos simbióticos no transcorrer do processo de individuação da personalidade, enquanto o segundo trata dos derivados estruturais das relações objetivas.

Assim, o sistema de avaliação elaborado por Mayman (1967) mostrou-se eficaz na predição do grau de severidade da doença. Já Urist (1977) derivou medidas do funcionamento autônomo da conduta interpessoal e de relatos autobiográficos. Krohn (1974) e Krohn e Mayman (1974) investigaram as representações de objeto através dos sonhos, enquanto Ryan (1970, in Spear, 1980) utilizou reminiscências infantis. Frieswyk e Colson (1980) investigaram o prognóstico no tratamento hospitalar de pacientes *borderlines*. Ryan, Avery e Grolnick (1985) estudaram a mutualidade da conduta interpessoal e o aprendizado, em crianças em idade escolar.

Berg, Packer e Nunno (1993) investigaram a relação entre os distúrbios dos processos de pensamento e a estrutura das relações de objetos internos, comparando sistemas de escores e variáveis de conteúdo que refletem os níveis de desenvolvimento das relações objetivas. Os escores foram correlacionados com a Escala de Mutualidade da Autonomia proposta por Urist em 35 pacientes *borderlines*, 15 esquizofrênicos e 19 com organização narcisista de personalidade. As correlações encontradas foram altamente significantes, reforçando a hipótese de que existe uma relação entre distúrbios que incidem na diferenciação das representações de si e de objeto e os transtornos de pensamento. Este estudo, tal como os citados anteriormente, proporciona validação empírica aos construtos teóricos concernentes ao déficit de funcionamento egóico e sua correlação com os distúrbios nas representações de si e de objeto.

Em um estudo focalizando o processo de terminação e continuidade da psicoterapia psicodinâmica, Ackerman et al. (2000) investigaram o poder preditivo da Escala de Mutualidade de Autonomia aplicada ao Rorschach e de outras medidas oriundas do TAT, incluindo uma escala de relações objetais, em relação à duração da psicoterapia. Algumas das variáveis estudadas nos 76 pacientes que preencheram critérios diagnósticos do Eixo II do DSM-IV foram: complexidade da representação de pessoas, qualidade afetiva das representações, investimento emocional nos relacionamentos e em valores e padrões morais, experiência e manejo dos impulsos agressivos, auto-estima, identidade e coerência do *self*. As variáveis mais fortemente associadas com o número de sessões completadas pelos pacientes foram a qualidade afetiva negativa das representações e o investimento emocional positivo nos relacionamentos.

A crítica mais comumente endereçada ao sistema de avaliação aqui designado como abordagem temática/dinâmica é que, apesar de ter a vantagem de representar o nível de relações objetais (a dimensão da *diferenciação* das representações) como uma variável contínua, falta à abordagem “temática”/dinâmica uma avaliação concomitante do teste de realidade, ou seja, a dimensão da *acuracidade* das representações. Um outro ponto crítico, segundo Fritsch e Holmstrom (1990), é que os escores são baseados meramente em uma análise do conteúdo, com avaliadores clínicos que utilizam habilidades intuitivas para cotar as respostas, sem o auxílio de um critério elaborado especificamente para a confecção de um manual detalhado que ancore os julgamentos subjetivos. Essa falha metodológica, de acordo com os referidos autores, coloca em questão a fidedignidade dos sistemas de avaliação.

2 A abordagem desenvolvimental/estrutural

Essa segunda abordagem ao problema da avaliação das representações de objeto foi proposta por Blatt, Brenneis, Schimek e Glick (1976), provenientes da Universidade de Yale. Esse grupo de pesquisadores aborda a questão da avaliação da capacidade crescente para relações objetais de um ponto de vista mais evolutivo e *estrutural*, considerando o desenvolvimento das estruturas cognitivas.

O paradigma da abordagem estrutural é basicamente cognitivista, tendo sido derivado de uma integração entre a teoria das relações objetais e as teorias do desenvolvimento cognitivo de Piaget (1937) e Werner (1948). Avalia-se o nível de maturidade das representações de objeto baseando-se no grau de diferenciação, articulação e integração dos perceptos humanos do Rorschach. Essa medida, presumivelmente, fornece uma estimativa da maturidade das estruturas

cognitivas que mediatizam a experiência dos afetos, dos impulsos e das relações interpessoais do sujeito.

Os pesquisadores que se filiam à abordagem estrutural tentam compreender como que sujeitos de diferentes idades e categorias diagnósticas diferem entre si, com relação à maturidade de suas representações de objeto. Assim, as relações objetais constituem, nessa abordagem, a *variável dependente* dos estudos. As respostas humanas do Rorschach são, inicialmente, divididas em duas categorias, segundo sua boa ou má forma, baseando-se na acuracidade do percepto. Situando-se nessa perspectiva teórica, Blatt et al. (1976) compararam o desenvolvimento normal e o comprometimento psicopatológico do conceito de objeto, tal qual eles se expressam no Rorschach, e elaboraram toda uma análise desenvolvimental do conceito de objeto por meio da técnica. Essa abordagem tem suas raízes na noção de Werner (1948) de que o indivíduo adquire, ao longo de seu desenvolvimento, uma capacidade crescente de diferenciação, acuracidade, articulação e integração do conceito de objeto.

Desse modo, Blatt et al. (1976) propuseram um modelo de avaliação sistemática das relações objetais através do Rorschach baseado em critérios evolutivos. Aplica-se ao protocolo de respostas uma escala composta por diferentes dimensões da resposta humana, de acordo com as características estruturais que se seguem.

a) *Diferenciação* (dimensão estrutural): as figuras humanas são consideradas diferenciadas ou não, de acordo com o tipo de percepto projetado. A figura humana inteira é considerada mais evoluída, do ponto de vista desenvolvimental, do que a figura pára-humana inteira; esta, por sua vez, tem um nível evolutivo maior do que a resposta de detalhe humano, que também é de qualidade superior à resposta de detalhe pára-humano. Desse modo, o tipo de figura representado no percepto pode variar em um contínuo que abrange desde o humano inteiro até o detalhe pára-humano.

b) *Acuracidade* (índice do teste de realidade): cada resposta é avaliada como perceptualmente acurada ou não, dependendo da conformidade com a configuração do estímulo.

c) *Articulação*: avaliam-se as características perceptivas (por exemplo, postura, tamanho, vestimenta, entre outras) e as características funcionais da figura apresentada (por exemplo, sexo, idade, papel atribuído ou identidade, entre outras).

d) *Integração* (dimensão temática): a resposta é avaliada de acordo com a natureza da integração entre o objeto e sua atividade (por exemplo, a maneira pela qual a resposta é integrada, no contexto da ação, com outros perceptos: se ela é ativa ou passiva, se a ação

representada é intencional ou involuntária, entre outras). O conteúdo da resposta pode se referir à interação entre as figuras humanas, como maior ou menor grau de evolução.

Para cada uma dessas categorias estabeleceu-se um *continuum*, baseado em níveis progressivamente mais altos e sofisticados de desenvolvimento. As relações de objeto são, desse modo, consideradas como inseridas dentro de uma perspectiva de desenvolvimento normal quando o sujeito se situa nos níveis mais altos de acuracidade perceptiva, de diferenciação estrutural dos conteúdos e de qualidade das interações projetadas em seus conceitos humanos no Rorschach. Quando predominam os níveis inferiores de organização perceptiva, estrutural e temática, pode-se inferir um comprometimento psicopatológico do conceito de objeto, tal qual ele pode ser aferido pelo Rorschach.

Uma proposta integradora dos componentes afetivos e cognitivos das representações

Spear (1980) compartilha do princípio geral de que é útil tomar as representações de objeto como um modo de compreender a experiência psicológica pessoal de cada indivíduo. Mais particularmente, defende a sua utilidade no esclarecimento diagnóstico e na delimitação de critérios diferenciais para abordagens “gráficas” de tratamento dos dados, mostrando que as escalas, assim como Escala de Representação de Objeto para Sonhos de Krohn (Krohn, Mayman, 1974) e a Escala de Conceito de Objeto (Blatt, 1974) são instrumentos operacionais valiosos, enquanto métodos de diagnóstico diferencial objetivos e precisos.

Esse método se articula dentro do sistema de diagnóstico estrutural proposto por Kernberg (1966), que classifica os sujeitos em termos de estrutura neurótica, *borderline* ou psicótica. Por outro lado, baseia-se no modelo de distúrbio psicológico desenvolvido por Tolpin e Kohut (1979, in Spear, 1980), que se baseia em uma diferenciação da patologia de acordo com a origem do distúrbio: se é derivado de um “defeito” estrutural na estrutura essencial da personalidade, responsável pela noção de coesão do *self*, ou de conflitos entre estruturas psíquicas já estabelecidas previamente (ou seja, produto de um conflito dinâmico). Assim, pode-se examinar a interação entre tais “déficits estruturais” e tipos variados de “conflitos dinâmicos”. Spear chega, inclusive, a propor um método de diferenciação dos subtipos da patologia *borderline*, baseando-se no modo predominante de “conflitos temáticos *caracterológicos*” que eles apresentam, conforme se organizem em torno da temática obsessiva/paranóide ou em torno da problemática histérica/impulsiva.

Desse modo, o estudo de Spear (1980) examina dois aspectos específicos da representação de objeto: um *componente cognitivo/estrutural*, definido como a habilidade para articular, diferenciar e integrar as descrições de objetos humanos, e um *componente afetivo/temático*, definido em termos de capacidade para representar interações afetivas com o outro. Cada componente foi avaliado no contexto de um material projetivo específico: o primeiro, inferido a partir da técnica de Rorschach que, com sua tarefa estruturada, inclina-se mais para o exame dos *aspectos formais/estruturais* do modo como a pessoa organiza sua percepção do mundo; o segundo componente foi extraído de relatos de sonhos, o que envolve uma tarefa menos estruturada e, por isso, mais orientada para o exame de *componentes temáticos* das descrições das experiências oníricas, do ponto de vista da interação interpessoal. Conforme o esperado, os grupos estudados (*borderlines* e esquizofrênicos) diferenciaram-se de maneira significativa nas medidas de representação de objeto utilizadas. Outros estudos evidenciam resultados semelhantes (Spear, 1980; Spear e Lapidus, 1981; Spear e Sugarman, 1984).

A capacidade representacional, tanto do ponto de vista estrutural como afetivo, relaciona-se com as configurações diagnósticas. Essa conceituação de componentes cognitivos/estruturais e afetivos/temáticos como um duplo aspecto da capacidade do indivíduo para elaborar representações objetivas reflete as perspectivas das teorias cognitivas/desenvolvimentais e psicanalíticas, que enfatizam o papel das relações de objeto no desenvolvimento infantil do conceito (representação) de objeto. Em uma tentativa de compreender os distúrbios psicológicos mais severos parece ser valioso conceituar esses dois componentes como definindo aspectos independentes, porém complementares, do referido desenvolvimento, que permitem especificar e descrever a natureza do déficit cognitivo/interpessoal de cada indivíduo em particular. Por exemplo, os *borderlines* paranóides/obsessivos apresentam os níveis mais elevados de performance na organização estrutural/cognitiva da experiência, enquanto que os *borderlines* histéricos/impulsivos apresentam níveis mais elevados na organização afetiva/temática. No primeiro grupo, a maior dificuldade é a de *modular* os afetos, principalmente os impulsos destrutivos, daí serem mais suscetíveis a descargas afetivas intensas, enquanto que, no segundo grupo, a dificuldade é de *controlar* os afetos, o que leva ao uso maciço da repressão dos impulsos agressivos e, conseqüentemente, ao empobrecimento na expressão emocional.

RESPOSTAS DE CONTEÚDO HUMANO (H) NO RORSCHACH E RELAÇÃO DE OBJETO

Os primeiros estudos das respostas H do Rorschach sugerem que a investigação das relações de objeto – isto é, dos conceitos de *self* e de objeto – elucida um aspecto nuclear do desenvolvimento da personalidade. Lerner e St. Peter (1984a) notam que Rorschach (1921) já havia intuído essa relação. Décadas depois, Rapaport et al. (1945) recolocaram o assunto na ordem das preocupações dos especialistas. Piotrowski (1957) também salientou esse aspecto, no que foi seguido mais tarde por Ames (1966, in Lerner e St. Peter, 1984a), com seu estudo longitudinal das respostas emitidas no Rorschach por crianças e adolescentes de 10 a 16 anos de idade. Mayman (1967) reintroduziu a questão de um ponto de vista mais específico, já tratando as respostas humanas como índices das representações de objeto e das relações objetais. King (1960), em uma concepção interpessoal, estudou a associação entre respostas de movimento humano e conteúdos delirantes.

A investigação das relações de objeto permitiu ainda operar uma diferenciação entre grupos diagnósticos, conforme notaram, entre outros, como Hertzman e Pearce (1947), que estudaram o sentido particular e pessoal das respostas humanas no Rorschach; Fisher e Cleveland (1958), no estudo sobre a imagem corporal; Orr (1958), em sua famosa monografia sobre a apreensão da imago materna no Rorschach; e Parker e Piotrowski (1968), em sua investigação sobre o significado das respostas de movimento humano.

O substrato das representações de objeto internalizadas pelo indivíduo, ou seja, as suas representações de objeto, e os sentimentos fundidos a essas imagens, são como que um suporte de toda a sua história interpessoal e, nessa medida, revelam suas predisposições relacionais mais arraigadas (Mayman, 1967). Se as imagens traduzidas em perceptos humanos do Rorschach compreendem, de fato, uma amostra de objetos internalizados, então elas trazem muitas informações sobre o significado da participação (ou da alienação) no meio social que a pessoa internalizou, assim como as suas preferências e expectativas em relação à composição de seu meio ambiente.

Blatt e Lerner (1983b) notaram que os diversos estudos realizados não haviam sido integrados até então porque não se assentavam em uma noção mais abrangente de organização e desenvolvimento da personalidade. Foi somente a partir do surgimento da teoria das relações objetais que se pôde contar com um quadro teórico geral para integrar essas pesquisas de um modo sistemático, elucidando o sentido das relações interpessoais no desenvolvimento psicológico.

Os estudos dedicados aos procedimentos destinados a avaliar a representação de figuras humanas no Rorschach, em termos do seu grau de diferenciação, articulação e integração, prosseguiram na década de setenta e oitenta do século dezanove, em uma linha evolutiva que parece confirmar seu valor na investigação clínica, proporcionando uma contribuição empírica para a investigação de diversas psicopatologias.

Nesse contexto, Blatt e Lerner (1983b) aplicaram a escala para a avaliação da organização e do conteúdo do conceito de objeto nas respostas do Rorschach a cinco pacientes prototípicos, representando diferentes categorias diagnósticas, e reafirmaram a utilidade clínica desse esquema conceitual. A análise minuciosa que empreenderam das representações de objeto do caso prototípico de esquizofrenia não-paranóide estudado indicou uma virtual configuração de representação objetual que seria específica desse tipo de patologia. O primeiro ponto a atrair a atenção no protocolo é o elevado número de respostas humanas mal-percebidas: com efeito, das 10 respostas humanas fornecidas pelo sujeito, seis são mal vistas (F-), sendo que as quatro respostas que apresentam uma percepção acurada são meras banalidades ou, pelo menos, próximas da percepção corrente (Ban ou Pop). Ou seja, de um modo geral as respostas são banais, ou então de má-forma. A maior parte das representações referem-se a detalhes humanos (seis), ou a figuras pára-humanas, isto é, são Hd, (Hd) e (H). Portanto, as representações de objeto, correspondentes a respostas que não são populares, mostram um *nível inferior de diferenciação*. Tais respostas, além de pobremente diferenciadas, são também essencialmente *desarticuladas*, isto é, apresentam escassa elaboração e *especificação* tanto das propriedades perceptuais, quanto das propriedades funcionais do percepto. Em termos da natureza da ação, as respostas são essencialmente *inertes*, ou seja, os perceptos estão estáticos. Apenas duas das representações de objeto têm algum grau de atividade e, ainda assim, essa ação é classificada como *não motivada e não específica*.

Resumindo, as representações de objeto no referido protocolo de Rorschach são formalmente não-acuradas, minimamente articuladas, e consistem basicamente de detalhes parciais de figuras humanas ou pára-humanas vistas em estado inativo. Muitas das respostas são *destituídas de conteúdo e de afeto*. Quando é atribuído algum conteúdo, este tende a ser *neutro* ou *benévolo*, preferentemente ao conteúdo malévolos. As representações de objeto são, em larga escala, indiferenciadas e pobremente articuladas, com uma *carga ínfima de vitalidade, significado* ou *propósito*. O aspecto mais pregnante no protocolo é, assim, a *regressão uniforme, constante*, no sentido de respostas

humanas que são menos articuladas e menos integradas. As respostas humanas inteiras, bem percebidas e de caráter banal, fornecidas inicialmente (pranchas I, II e III) são, posteriormente, substituídas por figuras pára-humanas ou por detalhes pára-humanos mal vistos, que são minimamente articulados e para os quais é atribuída pouca atividade e propósito. Assim, à medida que vamos ultrapassando aquela impressão inicial e superficial que o protocolo transmite, que é a de haver um nível apropriado de funcionamento social e de um mundo representacional intacto, este vai se revelando cada vez menos acurado e *mais desvitalizado e estéril*. Em outras palavras: o protocolo Rorschach revela um mundo empobrecido, com pouca interação entre as figuras, no qual os conteúdos são essencialmente secos e estéreis, exceto pela temática benigna ocasional, que pode estar refletindo fantasias restitutivas (Blatt et al., 1980).

Outros autores dessa vertente teórica, como Lerner e St. Peter (1984a), Lerner (1991), Lerner e Lerner (1988), buscaram fundamentar sua compreensão das respostas de conteúdo humano do Rorschach por intermédio do quadro conceitual oferecido pela teoria desenvolvimentista, pela psicologia cognitiva e pela teoria das relações objetais. Assim, procuram integrar nessas três perspectivas teóricas diversos achados de pesquisas relativas às respostas H, a fim de elucidar o significado das relações interpessoais e de sua contribuição para o desenvolvimento da estrutura psicológica dos indivíduos. As respostas humanas são investigadas por Lerner e St. Peter (1984a) mediante a aplicação da *Escala de Conceito de Objeto*, de Blatt, em pacientes neuróticos, *borderlines* (não-hospitalizados e hospitalizados) e esquizofrênicos. Os resultados demonstraram que uma avaliação sistemática das relações de objeto que a pessoa internalizou – isto é, dos conceitos de *self* e do outro – constitui um aspecto essencial na investigação do desenvolvimento da personalidade. Além disso, o instrumento utilizado parece oferecer possibilidade de diferenciação entre diversos grupos diagnósticos, tais como neuróticos, *borderlines* e esquizofrênicos.

As propriedades particulares que as respostas humanas apresentam nesses grupos de pacientes, tanto do ponto de vista desenvolvimental quanto cognitivo, evidenciam padrões distintos de comprometimento relacionados com o tipo e a severidade da psicopatologia. A comparação dos resultados nas categorias de respostas humanas – H, Hd, (H) e (Hd) – mostrou-se bastante válida, no que tange à capacidade de diferenciar pacientes neuróticos, esquizofrênicos e *borderlines*, tanto em grupos de sujeitos hospitalizados, quanto de sujeitos não-hospitalizados. Os

borderlines hospitalizados diferenciam-se mais claramente dos esquizofrênicos no que diz respeito às respostas bem vistas (acuradas); percebem mais adequadamente figuras humanas inteiras e alcançam altas somas de respostas pára-humanas combinadas – [(H) + (Hd)], e de respostas humanas combinadas – (H + Hd), do que os esquizofrênicos. Quando consideradas apenas as respostas mal vistas, os *borderlines* hospitalizados tendem a dar perceptos pára-humanos inteiros – isto é, (H), com maior frequência do que os esquizofrênicos.

O comprometimento nas relações interpessoais deve ser inferido dos protocolos Rorschach com rigor e cautela. Mayman (1967) faz a ressalva de que uma pessoa pode fracassar na interpretação de seres humanos no Rorschach por outros motivos que não a debilidade de suas representações internalizadas. Há, portanto, outros fatores que levam à restrição ou à escassez de perceptos humanos, como, por exemplo, a falta de imaginação criadora, um nível intelectual medíocre, ou ainda a atitude superficial ou de reserva, que impede o pleno envolvimento com a experiência do exame. Contudo, é *mais freqüente* observarmos que o examinando se distancia do contato com as figuras humanas no Rorschach devido a algum distúrbio severo de relacionamento com seus bons objetos internalizados. Por exemplo, pode haver o temor de ser engolfado pelo objeto e, desse modo, perder sua identidade, ou então o indivíduo pode estar se defendendo do medo de descarregar certos impulsos recalcados, ou de atuar (no sentido do *acting-out*) certos aspectos imaturos da identidade, que encontram-se reprimidos. A repressão, nesses casos, pode chegar ao extremo de eliminar, ou pelo menos inibir fortemente, o desenvolvimento de representações ou fantasias de objetos aparentemente mais inócuas, que poderiam, inclusive, neutralizar os efeitos das representações mais primitivas e altamente distorcidas devido ao uso intenso dos mecanismos de identificação projetiva.

Um outro modo de afastar-se do envolvimento humano pode ser expresso no Rorschach pela desumanização das figuras usualmente vistas como seres humanos. Essas respostas comportam, geralmente, frieza peculiar ou um estranhamento na maneira como a pessoa experiencia a realidade. Estão associadas, também, a um embotamento da capacidade de entabular um contato afetivo com os demais. Esse afastamento das relações interpessoais de mutualidade talvez seja a característica mais impressionante e notável. É como se houvesse um definhamento dos relacionamentos, uma “despersonalização” dos outros e um correspondente sentimento de estranhamento vivido ao nível do *self*.

PERTURBAÇÕES NA REPRESENTAÇÃO DO CORPO E DO OBJETO: SUA PROJEÇÃO NO PROTOCOLO DE RORSCHACH

Esse homem era, durante esse tempo de jejum, estudo e oração –, alimentado pelos Reis do Universo, com exceção dos de palha! A sua cabeça era como um centro, donde saíam pensamentos, que voavam às dos Reis de que se alimentava, e destes recebia outros. Era como o coração do mundo, espalhando sangue por todas as suas veias, e assim alimentando-o e fortificando-o, e refluindo quando necessário a seu centro! Assim como acontece a respeito do coração humano, e do corpo em que se acha. Assim é que tem podido levar a todo o mundo habitado sem auxílio de tipo – tudo quanto há querido! QORPO-SANTO (1980, p. 110).

A noção de ruptura do ego corporal é um dos principais conceitos utilizados pela psiquiatria dinâmica para definir e organizar a múltipla e variada fenomenologia da esquizofrenia. Schafer (1960) afirma que, dentre os diversos critérios que podem ser adotados para se abordar o protocolo de Rorschach de um *esquizofrênico*, o conceito de ego corporal é um dos mais produtivos. Seu valor já foi largamente demonstrado por Fisher e Cleveland (1958), que centraram seu interesse sobre duas variáveis: a definição e a permeabilidade das fronteiras do ego, investigando sua manifestação especificamente nos *conteúdos* do Rorschach. Por outro lado, Schafer (1960) propôs a investigação dos distúrbios do ego corporal manifestados nas várias dimensões das respostas Rorschach de esquizofrênicos e relacionou as observações resultantes desse estudo com o comprometimento dos limites egóicos e das relações objetais.

A linguagem *imagética* peculiar ao protocolo de Rorschach expressa aspectos essenciais da experiência subjetiva, ou seja, do mundo interno do indivíduo. Schafer (1960) não concebe o mundo interno como “princípios de organização geral de uma dada personalidade”, e sim como equivalente “à qualidade da existência, conhecida pelo paciente, ainda que difícil de ser compreendida” (p. 267). O papel da experiência, isto é, do vivenciado, passa a ser enormemente valorizado a partir desses pressupostos, uma vez que: o mundo interno compreende uma multidão de imagens de si próprio e dos outros, conscientes e inconscientes, parciais e totais; algumas imagens são fugazes e inconstantes, outras fixas e imutáveis; algumas são embebidas em construções fantasiosas que proliferam, outras são fragmentadas e isoladas; algumas são pálidas e murmurantes, outras são vívidas e sonoras; algumas são possuídas por grande força de natu-

reza benigna ou hostil, enquanto outras são registros neutros dos fatos e ferramentas de sobrevivência. Os afetos colorem esse mundo interno e são melhor entendidos quando vistos em relação com a sua memória *imagética* – *imagery* – (Schafer, 1960, p. 267).

A linguagem *imagética* peculiar ao protocolo Rorschach expressa aspectos essenciais da experiência subjetiva, ou seja, do mundo interno do indivíduo. Mas a noção de “mundo interno” que Schafer utiliza não se refere ao sentido que o termo comumente assumia quando era empregado pelos autores que investigam o Rorschach. Schafer (1960) não concebe o mundo interno como “princípios de organização geral de uma dada personalidade”, e sim como equivalente “à qualidade da existência, conhecida pelo paciente, ainda que difícil de ser compreendida” (p. 267). O papel da experiência, isto é, do vivenciado, passa a ser enormemente valorizado a partir desses pressupostos, uma vez que:

O mundo interno compreende uma multidão de imagens de si próprio e dos outros, conscientes e inconscientes, parciais e totais. Algumas imagens são fugazes e inconstantes, outras fixas e imutáveis. Algumas são embebidas em construções fantasiosas que proliferam, outras são fragmentadas e isoladas. Algumas são pálidas e murmurantes, outras são vívidas e sonoras. Algumas são possuídas por grande força de natureza benigna ou hostil, enquanto outras são registros neutros dos fatos e ferramentas de sobrevivência. Os afetos colorem esse mundo interno e são melhor entendidos quando vistos em relação com a sua memória *imagética* – *imagery* – (p. 267).

O ego corporal é parte desse mundo interno e também define suas fronteiras. Compreende o objetivamente discriminável, o distorcido e as sensações fantasiadas, as posições, capacidades e inter-relacionamentos da pele, ossos, músculos, órgãos e funções do corpo, seus movimentos ou mudança no tempo e no espaço, e sua separação e diferença, enquanto uma unidade, em relação a outros corpos no ambiente que, contudo, são similares e próximos. Evolutivamente, a conformação e a unificação do ego corporal são grandemente influenciadas pelas identificações, isto é, apossam-se (em sua maior parte inconscientemente) das propriedades de outros corpos, e as experienciam, finalmente, como se fossem do seu próprio, de uma forma profunda e contínua. Os frutos da identificação precisam ser distinguidos dos efeitos destrutivos das introjeções e reintrojeções agressivas e libidinais das imagens projetadas; estas últimas (em sua maior parte inconscientemente) assaltam a unidade e a integridade do ego corporal, e tendem a restringi-lo ao papel de

instrumento, de extensão e de aglomeração de outros corpos. São as que descobrimos nas formas relativamente estabilizadas dos sintomas neuróticos e, sobretudo, usualmente em forma fluida, nas experiências corporais bizarras dos esquizofrênicos (Schafer, 1960).

As formulações de Schafer concernentes aos distúrbios do ego corporal na esquizofrenia indicam, no rastro de diversos outros trabalhos, a possibilidade de se apreender nas respostas Rorschach o mundo interno e o ego corporal dos sujeitos. As respostas fornecidas no Rorschach expressam essas dimensões da experiência subjetiva do *corpo* em vários aspectos.

Outras dimensões fenomenológicas do distúrbio do ego corporal que se manifesta nos protocolos Rorschach podem ser investigadas, tais como a organização interna do ego corporal, a vitalidade e o modo peculiar de enfrentar a estimulação. Desse modo, podemos avaliar as respostas oferecidas às manchas na sua relação com a experiência subjetiva ou, para sermos mais específicos, com certos aspectos da *vivência esquizofrênica*.

Alguns autores de língua francesa – Orr (1958), Anzieu (1961), Rausch De Traubenberg (1970, 1981, 1983a, 1983b, 1986, 1987), Boizou, Chabert e Rausch De Traubenberg (1978), Sanglade (1983), Rausch De Traubenberg e Sanglade (1984), Chabert (1983, 1987, 1990), Rausch De Traubenberg, Bloch-Laine, Boizou (1990) – propuseram uma aproximação entre as modalidades de funcionamento do processo projetivo e a organização do espaço pelo sujeito, a partir da noção de que o Rorschach propõe *um espaço a ser organizado*. Esse espaço é ordenado com base na projeção das dimensões do próprio corpo do sujeito, uma projeção que se dá não só em termos de *conteúdo*, mas também de *forma*, ou seja, não só em termos *do que é projetado*, como também do *como se projeta* (em outras palavras, a maneira como o percepto é estruturado). Ambas as dimensões derivam do que foi vivido corporalmente. Segundo essa perspectiva teórica francesa, a oscilação muitas vezes observada entre a percepção e a projeção corporal nos protocolos testemunha uma dificuldade de transformação do *espaço corporal* em *espaço de representação*. Espaço no qual se elaboram as duas vertentes do corpo: a real e a imaginária.

Isso leva a acreditar que não só as categorias de conteúdo do Rorschach podem exprimir os limites e a permeabilidade do ego, mas todos os demais aspectos do desempenho do sujeito na técnica, incluindo as cotações tradicionalmente enfatizadas, o comportamento manifesto durante a testagem e o estilo de verbalização. Em transtornos psíquicos graves, como a esquizofrenia, as fronteiras e a articulação do ego

estão esmaecidas, algumas vezes ao ponto de ocorrer uma virtual supressão dos limites entre fantasia e realidade, levando a um completo colapso das funções egóicas. Contudo, exceto nas condições esquizofrênicas mais rigidamente estabilizadas, *ocorrem flutuações no nível de organização do paciente*, e oscilações correspondentes no tipo e no grau de organização de seu ego corporal. Schafer (1960) pondera que, mesmo considerando tal fato, não é exato falar *do* ego corporal ou *da* imagem corporal de um esquizofrênico em particular, pois onde as fronteiras são borradas e fluidas, não há ego definido e duradouro ao qual se possa referir uma experiência que, desde o ponto de vista de um observador altamente organizado e diferenciado, seria interna ao paciente. Deveríamos falar, de preferência, em “corpos” (*corpos*, como conteúdos nas respostas Rorschach dos esquizofrênicos, por exemplo).

Existe uma profunda interação entre a noção de *self*, a identidade e as experiências subjetivas na esquizofrenia (Estroff, 1989). Schafer (1960) menciona que, em um dado momento, o paciente esquizofrênico pode notar aspectos da realidade externa somente por meio da experiência subjetiva transformada de seu próprio corpo, assim como pode perceber aspectos de seu próprio corpo apenas por meio de mudanças aparentes ou reais nos objetos externos. No curso da interação terapêutica, por exemplo, o paciente pode relatar uma mudança em seu estado subjetivo, que é na verdade um registro oblíquo de uma mudança no estado emocional do terapeuta, e vice-versa. Uma elevação da irritação do terapeuta, por exemplo, pode ser “percebida” pelo paciente apenas como um esvaziamento de seu próprio interesse e motivação. Ou um sentimento de insipidez do paciente pode ser “percebido” como falta de responsividade por parte do terapeuta. Nos níveis regredidos de organização mental nos quais freqüentemente o esquizofrênico funciona, suas comunicações geralmente não são confiáveis do ponto de vista de expressarem essas experiências subjetivas de uma maneira exata. Conseqüentemente, o terapeuta não as pode traduzir com muita precisão. Essa situação perdura por determinado tempo, melhorando apenas quando o paciente, à medida que o tratamento avança, adquire paulatinamente uma maior capacidade de sintonizar-se com seus sentimentos e comunicar a sua origem.

Pode-se inferir que o distúrbio no ego corporal é primário ao distúrbio na percepção dos objetos externos. Há regressão a um nível de organização tão arcaico, no qual as diferenças entre o mundo interno e o externo, tão importantes nos níveis mais evoluídos do desenvolvimento, não têm sentido algum. Schafer (1960) frisa que é esse *nível de organização* que é fun-

damental, e que as experiências de nosso próprio corpo e dos corpos dos outros talvez devam ser vistas como manifestações concomitantes desse nível evolutivo. Em se tratando da análise das respostas Rorschach, deve-se considerar como pertinentes a essa conexão as referências ao estabelecimento dos limites, a articulação interna e a interação de *todas* as entidades, sejam pessoas, animais, objetos ou elementos da natureza, com ou sem forma, articuladas ou difusas. Todos os conteúdos devem ser levados em consideração, diz Schafer (1960), porque correspondem a atitudes subjetivas, veiculadas através da verbalização e dos movimentos expressivos suscitados durante o processo de elaboração da resposta.

Os estímulos da técnica (as manchas de tinta) podem ser considerados como equivalentes do corpo. O tratamento que o sujeito dá ao estímulo, isto é, o uso que ele faz de suas características formais, como forma, cor, sombreado e diferença de tonalidades, pode ser visto como uma pista adicional que expressa a experiência subjetiva dos corpos: do próprio corpo e do corpo do outro. A relativa indiferenciação da forma e do significado, e a falta de articulação interna e de adequação formal das áreas na maior parte das pranchas, devem ser vistas como realizações externas vigorosas das (ou paralelas às) experiências subjetivas que o esquizofrênico sente de todos os corpos, que para ele são constituídos por essas propriedades vagas e incertas na maior parte do tempo, ou mesmo durante todo o tempo. Dito de outro modo: “as manchas são uma espécie de objetivação da regressão do ego corporal do esquizofrênico” (Schafer, 1960, p. 269).

O esquizofrênico, ao entrar em processo terapêutico, revela o quanto a regressão suscitada pelo tratamento é sentida como extremamente ameaçadora. De forma análoga, as manchas de tinta podem ser sentidas como ameaçadoras, muito embora os perigos que elas implicam sejam comumente experienciados de um modo microscópico, pela emergência de pequenas quantidades de ansiedade ou de algum outro afeto (Schafer, 1954a). Contudo, em certos casos, os afetos vivenciados podem se tornar macroscópicos, contribuindo às vezes para as *rupturas severas* que se observam na relação que o paciente estabelece com o exame de Rorschach. O desmoronamento das fronteiras entre o mundo interno e a realidade externa, além da fragmentação que acomete o aparelho psíquico, são fenômenos *realizados* nas manchas, de tal modo que as respostas adquirem freqüentemente um caráter de inusitada concretude e crueza.

No contexto brasileiro, o mundo representacional dos esquizofrênicos foi investigado por alguns estudos que utilizaram o exame de Rorschach (Santos,

1992, 1996a, 1996b, 1997, Johan e Vaz, 2006). Santos (2000) discute a relação entre a representação de si e a organização psíquica na esquizofrenia, a partir do psicodiagnóstico de Rorschach aplicado a uma amostra de 20 pacientes ambulatoriais adultos do sexo masculino. Em estudo sobre o Rorschach de um paciente portador de esquizofrenia tipo paranóide, Vaz (1973) constata muitos fenômenos especiais (contaminações, idéias de auto-referência) e tendências a centrar as verbalizações, quase sempre elogiativas, no eixo das manchas do Rorschach, área de espaço organizado pelo sujeito. Comenta o autor que as verbalizações são amplas, longas, mas que pouca possibilidade oferecem para se fazer uma classificação quantitativa nos moldes do sistema Klopfer. Johann e Vaz (in Vaz, 2006) constata a freqüência dos fenômenos especiais contaminação, confabulação, perseveração da mesma fala ou dos mesmos conteúdos, rejeição de cartões, categorias no Rorschach que devem ser sempre analisados integradamente às variáveis quantitativas para a compreensão dinâmica do esquizofrênico (Vaz, 2006).

Guelli, Jacquemin e Santos (1996) analisaram os conteúdos dos protocolos Rorschach de pacientes bipolares, utilizando o Crivo de Representação de Si proposto por Rausch de Trautenberg e Sanglade (1984), a fim de avaliar a qualidade da representação de si e as modalidades de relação de objeto. Foi investigada uma amostra de 11 sujeitos adultos de ambos os sexos, com diagnóstico de transtorno afetivo bipolar. Os conteúdos foram analisados segundo as dimensões de integridade, vitalidade e caráter realista, os tipos de ação, a diferenciação de gênero e os elementos qualitativos particulares, eventualmente introduzidos nas respostas. A análise pluridimensional dos conteúdos evidenciou, no grupo estudado, indicadores de uma representação de si comprometida do ponto de vista da integridade e vitalidade, sugestiva de uma fragilidade na estrutura da identidade pessoal, bem como modalidades relacionais pouco satisfatórias, sendo marcante a agressividade nas relações interpessoais.

Nascimento (1998) desenvolveu um estudo da personalidade de 15 pacientes bipolares, durante o período livre de sintomas, utilizando o método de Rorschach. A autora procedeu a uma análise de conteúdos fundamentada no referencial teórico da psicanálise. Seguindo os trabalhos de Blatt e Lerner, foram investigadas as relações de objeto a partir das respostas H, levando-se em consideração a diferenciação das figuras – tipos de figuras humanas, ou seja, H, (H), Hd e (Hd) – e sua adequação (qualidade formal das respostas). Analisou-se também o conteúdo das respostas em termos de “calor” e “vida”, utilizando-se para tanto uma escala evolutiva proposta por M. Orr, que

focaliza a representação de objeto. A análise mostrou uma dificuldade que os pacientes com transtorno afetivo bipolar apresentam em suas relações de objeto, o que indica uma pobre integração emocional e uma organização psíquica precária e superficial.

Simon (1986) parte da descrição do comportamento de pacientes psicanalíticos que sofrem de estados transitórios de desintegração, segundo o conceito proposto por Esther Bick e as concepções de crianças autistas propostas por Donald Meltzer, e a aproximação de descrições semelhantes dadas por Hermann Rorschach sobre sujeitos que não forneciam respostas de movimento humano no Psicodiagnóstico. Simon (1986) conjectura que essas semelhanças sugerem que as respostas de movimento humano são provenientes das primitivas relações objetivas subjacentes a identificações projetivas (Klein). Os distúrbios nas primitivas relações de objeto, que promovem excessivas identificações adesivas (Meltzer), estariam associados com deficiências na geração de respostas cinestésicas, expressas por poucas ou nenhuma resposta de movimento humano. A hipótese sugerida é de uma espécie de “síndrome da identificação adesiva” no Rorschach, na qual o somatório de movimento humano e de cor tenderiam a 0:0 e a porcentagem de forma bem vista aproximaria-se de 100, características que apontariam os sujeitos que apresentam uma “segunda pele”, compensatória da incapacidade do objeto primordial de ser um bom contenedor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo foi realizada uma revisão da literatura sobre as representações temáticas e conteúdos presentes nas verbalizações do psicodiagnóstico de Rorschach, tendo em vista a integração dinâmica das informações e a psicodinâmica do mundo interno/externo do paciente ou examinando. Foram revisadas as principais abordagens que buscam aperfeiçoar o uso convencional de escores, integradas a pressupostos teóricos e modelos conceituais.

Foi possível constatar que a partir da década de cinquenta do século dezenove novas abordagens na avaliação e na organização dos temas foram incorporados ao esquema clássico de aferição das verbalizações e respostas no Rorschach, gerando diferentes mas cientificamente relevantes sistemas de avaliação psicológica com essa técnica.

Esses desenvolvimentos conceituais são reflexos das teorias cognitivas/desenvolvimentais e psicanalíticas, que enfatizam o papel das relações de objeto no desenvolvimento da capacidade representacional, tanto do ponto de vista cognitivo/estrutural como afetivo/temático.

O conceito representação de objeto, o processo de interpretação dinâmica e integrativa entre os dados quantitativos do Rorschach e outras informações, constituem o Rorschach de que espera o psicólogo clínico ou psicólogo pesquisador numa avaliação psicológica.

REFERÊNCIAS

- Ackerman, S. J., Hilsenroth, M. J., Clemence, A. J., Weatherill, R., & Fowler, J. C. (2000). The effects of social cognition and object representation on psychotherapy continuation. *Bulletin of Menninger Clinic*, 64, 3, 386-408.
- Anzieu, D. (1961). *Os métodos projetivos*, (5ª ed.). Trad. de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Campus. [Edição revista e republicada como: Anzieu, D., & Chabert, C. (1987). *Les méthodes projectives*, (8ª ed.). Paris: PUF.]
- Bacal, H. A. (1987). British object-relations theorists and self psychology: Some critical reflections. *International Journal of Psychoanalysis*, 68, 81-98.
- Beres, D., & Joseph, E. (1970). The concept of mental representation in psychoanalysis. *International Journal of Psychoanalysis*, 51, 9-11.
- Berg, J. L., Packer, A., & Nunno, V. J. (1993). A Rorschach analysis: parallel disturbance in thought and in self/object representation. *Journal of Personality Assessment*, 61, 2, 311-323, Oct.
- Blatt, S. J. (1974). Levels of object representation in anaclitic and introjective depression. *Psychoanalytic Study of the Child*, 29, 107-157.
- Blatt, S. J., & Lerner, H. (1983a). Investigation in the psychoanalytic theory of object relations and object representations. In J. Masling (Ed.). *Empirical studies on psychoanalytic theories*, (Vol. 1). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 189-250.
- Blatt, S. J., & Lerner, H. (1983b). The psychological assessment of object representations. *Journal of Personality Assessment*, 47, 1, 7-28.
- Blatt, S. J., & Ritzler, B. A. (1974). Thought disorder and boundary disturbances in psychosis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42, 370-381.
- Blatt, S. J., & Wild, C. M. (1975). Disturbances of object representations in schizophrenia. *Psychoanalysis and Contemporary Science*, 4, 235-288.
- Blatt, S. J., & Wild, C. M. (1976). *Schizophrenia: A developmental analysis*. New York: Academic Press, 1976.
- Blatt, S. J., Schimek, J. G., & Brenneis, C. B. (1980). The nature of the psychotic experience and its implications for the therapeutic process. In J. S. STRAUSS, M. Bowers, T. Downey, S. Fleck, S. Jackson, & I. Levine (Eds.). *The psychotherapy of schizophrenia*. New York: Plenum, 101-114.
- Blatt, S. J., Tuber, S. B., & Auerbach, J. S. (1990). Representation of interpersonal interactions on the Rorschach and level of psychopathology. *Journal of Personality Assessment*, 54, 3-4, 711-728.
- Blatt, S. J., Wild, C. M., & Ritzler, B. A. (1975). Disturbances in object representation in schizophrenia. *Psychoanalysis and Contemporary Science*, 4, 235-288.
- Blatt, S. J., Brenneis, C. B., Schimek, J. G., & Glick, M. (1976). Normal development and psychopathological impairment of the concept of the object on the Rorschach. *Journal of Abnormal Psychology*, 85, 4, 364-373.

- Blatt, S. J., Ford, R. Q., Berman, W., Cook, B., & Meyer, R. (1988). The assessment of change during the intensive treatment of borderline and schizophrenic young adults. *Psychoanalytic Psychology*, 5, 127-158.
- Bohm, E. (1968). *Manual del psicodiagnostico de Rorschach*, (1ª ed., 1949). Madrid: Ediciones Morata.
- Boizou, M.-F., Chabert, C., & Rausch De Traubenberg, N. (1978). Représentation de soi: Identité, identification au Rorschach chez l'enfant et l'adulte. *Bulletin de Psychologie*, 32, 339, 271-277.
- Chabert, C. (1983). *Le Rorschach en clinique adulte: Interprétation psychanalytique*. Paris: Dunod.
- Chabert, C. (1987). *La psychopathologie à l'épreuve du Rorschach*. Paris: Dunod. (Ed. brasileira: Chabert, C. (1993). *A psicopatologia no exame de Rorschach*. Trad. de Nelson da Silva Jr. São Paulo: Casa do Psicólogo.)
- Chabert, C. (1990). Les potentialités de changement chez les adolescents psychotiques: Contribution du Rorschach et du TAT à une étude longitudinale. *Revue de Psychologie Appliquée*, 40, 2, 113-137.
- Estroff, S. E. (1989). Self, identity, and subjective experiences of schizophrenia: In search of the subject. *Schizophrenia Bulletin*, 15, 2, 189-196.
- Exner, J. E. (1991). *The Rorschach: A comprehensive system: Interpretation*, (Vol. 2, 2ª ed.). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Fisher, S., & Cleveland, S. E. (1958). *Body image and personality*. New York: Von Nostrand.
- Frieswyk, S., & Colson, D. (1980). Prognostic considerations in the hospital treatment of borderline states: The perspective of object relations theory and the Rorschach. In J. S. KWAWER, H. D. Lerner, P. M. Lerner, & A. Sugarman (Eds.). *Borderline phenomena and the Rorschach test*. New York: International Universities Press, 229-255.
- Fritsch, R. C., & Holmstrom, R. W. (1990). Assessing object representations as a continuous variable: A modification of the concept of the object on the Rorschach scale. *Journal of Personality Assessment*, 55, 1-2, 319-334.
- Gorney, J. E., & Weinstock, S. J. (1980). Borderline object relations, therapeutic impasse, and the Rorschach. In J. S. Kwawer, H. D. Lerner, P. M. Lerner, & A. Sugarman (Eds.). *Borderline phenomena and the Rorschach test* (pp. 167-187). New York: International Universities Press.
- Guelli, A. V., Jacquemin, A., & Santos, M. A. (1996). Análise dos conteúdos de Rorschach de pacientes com distúrbio afetivo bipolar. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 29, 2/3, 269-277, abr./set.
- Guntrip, H. (1969). *Schizoid phenomena, object relations and the self*. New York: International Universities Press.
- Hatcher, R. L., & Krohn, A. (1988). Level of object representation and capacity for intensive psychotherapy in neurotics and borderlines. In J. S. Kwawer, H. D. Lerner, P. M. Lerner, & A. Sugarman (Eds.). *Borderline phenomena and the Rorschach test* (pp. 299-320). New York: International Universities Press.
- Hertzman, M., & Pearce, J. (1947). The personal meaning of the human figure in the Rorschach. *Psychiatry*, 10, 413-422.
- Jacobson, E. (1964). *The self and the object world*. New York: International Universities Press.
- Kanzer, M. (1979). Object relations theory: An introduction. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 27, 2, 313-325.
- Kernberg, O. (1966). Structural derivatives of object relationships. *International Journal of Psychoanalysis*, 47, 236-253.
- King, G. F. (1960). An interpersonal conception of Rorschach human movement and delusional content. *Journal of Projective Technique*, 24, 2, 161-163.
- Klopfer, B., Meyer, M. M., & Brawer, F. B. (1970). *Developments in Rorschach technique* (Vol. 3). New York: Harcourt Brace Jovanovich, Inc.
- Krohn, A. (1974). Borderline "empathy" and differentiation of objects representations: A contribution to the psychology of object relations. *International Journal of Psychoanalytic Psychotherapy*, 3, 142-165.
- Krohn, A., & Mayman, M. (1974). Level of object representations in dreams and projective tests. *Bulletin of Menninger Clinic*, 38, 445-466.
- Kwawer, J. S. (1980). Primitive interpersonal modes, borderline phenomena, and the Rorschach test. In J. S. Kwawer, H. D. Lerner, P. M. Lerner, & A. Sugarman (Eds.), *Borderline phenomena and the Rorschach test* (pp. 89-105). New York: International Universities Press.
- Johan, R. V., & Vaz, C. E. (2006). Avaliação de aspectos cognitivos em homens portadores de esquizofrenia em tratamento com haloperidol ou clozapina. *J. Bras. Psiquiatria*, 55, 3, 202-207.
- Lerner, P. M. (1983). An object representation approach to psychostructural change: A clinical illustration. *Journal of Personality Assessment*, 47, 3, 314-323.
- Lerner, H. D., & St. Peter, S. (1984a). The Rorschach H response and object relations. *Journal of Personality Assessment*, 48, 4, 345-350.
- Lerner, H. D., & St. Peter, S. (1984b). Patterns of object relations in neurotic, borderline, and schizophrenic patients. *Psychiatry*, 47, 77-92.
- Lerner, H. D., & Lerner, P. M. (Eds.). (1988). *Primitive mental states and the Rorschach*. New York: International Universities Press.
- Lerner, P. M. (1991). *Psychoanalytic theory and the Rorschach*. Hillsdale, NJ: Analytic Press.
- Mahler, M. S. (1967) Sobre a simbiose humana e as vicissitudes da individualização. In *O processo de separação-individualização* (Cap. 6, pp. 66-81). Trad. de Helena Mascarenhas de Souza. Porto Alegre: Artes Médicas (1982).
- Mayman, M. (1967). Object representations and object relationships in Rorschach responses. *Journal of Projective Techniques & Personality Assessment*, 31, 17-24.
- Meissner, W. W. (1979). Internalization and object relations. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 27, 2, 345-360.
- Nascimento, S. R. G. F. (1998). Relações de objeto em pacientes portadores do quadro bipolar, no estado eufímico: um estudo realizado com o Rorschach. *Revista de Psicologia*, 6, 69-85, maio.
- Orr, M. (1958). Le test du Rorschach et l'image maternelle. *Bulletin du Groupement Français du Rorschach: Monographies*. Paris.
- Parker, R. S., & Piotrowski, Z. A. (1968). The significance of varieties of actors of Rorschach human movement responses. *Journal of Projective Techniques and Personality Assessment*, 32, 33-44.
- Piaget, J. (1937). *A construção do real na criança*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar (1970).
- Piotrowski, Z. A. (1957). *Perceptanalysis*. New York: MacMillan.
- Qorpo-Santo (José Joaquim de Campos Leão) (1980). Hoje sou um; e amanhã outro. In *Teatro completo* (pp. 105-121). Fixação do texto por Guilhermino César. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro/Fundação Nacional de Arte.

- Rapaport, D., Gill, M., & Schafer, R. (1945). *Testes de diagnóstico psicológico*. Trad. de Eduardo Loedel. Buenos Aires: Paidós, 1971.
- Rausch De Traubenberg, N. (1970). *A prática do Rorschach*. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975.
- Rausch De Traubenberg, N. (1981). Représentation de soi, identité et identification chez l'enfant et chez l'adulte au Rorschach. *X International Congress of Rorschach and Projective Techniques: Book of abstracts*. Washington.
- Rausch De Traubenberg, N. (1983a). Activité perceptive et activité fantasmagorique au test de Rorschach. Le Rorschach: espace d'interactions. *Psychologie Française*, 28, 2, 100-103. [Republicado em: Rausch De Traubenberg, N. (1983a). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no teste de Rorschach. O Rorschach: espaço de interacções. *Análise Psicológica*, 4, 1, 17-22.]
- Rausch De Traubenberg, N. (1983b). Representação de si e relação do objecto: Grelha de representação de si. Análise comparada dos resultados de adolescentes doentes psíquicos e somáticos. *Análise Psicológica*, 4, 1, 31-40.
- Rausch De Traubenberg, N. (1986). Le Rorschach, espace d'interactions. *Bulletin de Psychologie*, 39, 376, 659-661.
- Rausch De Traubenberg, N. (1987). Le Rorschach chez l'enfant. Mimeo.
- Rausch De Traubenberg, N., & Sanglade, A. (1984). Représentation de soi et relation d'objet au Rorschach: Grille de représentation de soi. Analyse comparée des résultats d'adolescents malades psychiques et malades somatiques. *Revue de Psychologie Appliquée*, 34, 1, 41-57.
- Rausch De Traubenberg, N., Bloch-Laine, F., Boizou, M.-F., Duplant, N., Martin, M., & Poggionovo, M.-P. (1990). Modalités d'analyse de la dynamique affective au Rorschach: Grille d'analyse de la dynamique affective. *Revue de Psychologie Appliquée*, 40, 2, 245-258.
- Ritzler, B. A., Zambianco, D., Harder, D., & Kaskey, M. (1980). Psychotic patterns of the concept of the object on the Rorschach test. *Journal of Abnormal Psychology*, 89, 46-55.
- Rorschach, H. (1921). *Psicodiagnóstico* (3ª ed.). Trad. de Marie Sophie de Villemor Amaral. São Paulo: Mestre Jou, 1978.
- Ryan, R., Avery, R., & Grolnick, W. (1985). A Rorschach assessment of children's mutuality of autonomy. *Journal of Personality Assessment*, 49, 6-12.
- Sandler, J., & Rosenblatt, B. (1962). The concept of the representational world. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 17, 128-145.
- Sanglade, A. (1983). Image du corps et image de soi au Rorschach. *Techniques Projectives II. Psychologie Française*, 28, 104-110.
- Santos, M. A. (1992). *O teste de Rorschach na investigação da personalidade na esquizofrenia*. Dissertação [Mestrado] – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Santos, M. A. (1996a). *A representação de si e do outro na esquizofrenia: um estudo através do Exame de Rorschach*. Tese [Doutorado] – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Santos, M. A. (1996b). Aplicações da prova de Rorschach no campo da psicopatologia. In Jacquemin, A., Okino, E. T. K., & Vendrusculo, J. (Eds.). *Anais do I Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach e Outros Métodos Projetivos* (pp. 257-281). Ribeirão Preto: SBRo.
- Santos, M. A. (1997). O estatuto da representação de si na esquizofrenia. In Jacquemin, A., & Okino, E. T. K. (Eds.). *Anais do II Encontro da Sociedade Brasileira de Rorschach e Outros Métodos Projetivos* (pp. 102-114). Ribeirão Preto: SBRo.
- Santos, M. A. (2000). A representação de si na esquizofrenia através do psicodiagnóstico de Rorschach. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 10, 19, 67-78, ago./dez.
- Schachtel, E.-G. (1966a). *Experiential foundations of Rorschach's test*. New York: Basic Books.
- Schachtel, E.-G. (1966b). Experiential qualities of the Rorschach Ink Blots. *Journal of Projective Techniques*, 31, 4-10.
- Schafer, R. (1948). *The clinical application of psychological tests*, (4ª ed.). New York: International University Press, 1951.
- Schafer, R. (1954a). *Psychoanalytic interpretation in Rorschach testing: Theory and application*. New York: Grune & Stratton.
- Schafer, R. (1954b). Some applications of contemporary psychoanalytic theory to projective testing. *Journal of Projective Technique*, 18, 441-448.
- Schafer, R. (1960). Bodies in schizophrenic Rorschach responses. *Journal of Projective Techniques*, 24, 3, 267-281.
- Simon, R. (1986). Respostas "M" do Rorschach e relações de objeto primitivas (identificação adesiva). *Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo*, 5, 24-30, dez.
- Spear, W. E. (1980). The psychological assessment of structural and thematic object representations in borderline and schizophrenic patients. In J. S. Klawer, H. D. Lerner, P. M. Lerner, & A. Sugarman (Eds.). *Borderline phenomena and the Rorschach Test* (pp. 321-340). New York: International Universities Press.
- Spear, W. E., & Lapidus, I. (1981). Qualitative differences in manifest object representations: Implications for a multi-dimensional model of psychological functioning. *Journal of Abnormal Psychology*, 90, 157-167.
- Spear, W. E., & Sugarman, A. (1984). Dimensions of internalized object relations in borderline and schizophrenic patients. *Psychoanalytic Psychology*, 1, 113-129.
- Spiro, R., & Spiro, T. (1980). Transitional phenomena and developmental issues in borderline Rorschach. In J. S. Klawer, H. D. Lerner, P. M. Lerner, & A. Sugarman (Eds.). *Borderline phenomena and the Rorschach test*. New York: International Universities Press.
- Urist, M. R. (1977). The Rorschach test and the assessment of object relations. *Journal of Personality Assessment*, 41, 1, 3-9.
- Vaz, C. E. (1973). Um caso de paranóia num teste-reteste de Rorschach. *Cadernos de Psicologia Aplicada*, 1, 1, 119-134.
- Vaz, C. E. (2006). *O Rorschach teoria e desempenho II – Sistema Klopfer*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Werner, H. (1948). *Comparative psychology of mental development*. New York: International Universities Press.

Recebido em: 16/05/2006. Aceito em: 28/08/2006.

Autores:

Manoel Antônio dos Santos – Psicólogo. Professor Doutor do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia, coordenador do NEPPS – Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde. Bolsista de Produtividade Científica do CNPq.

Cícero E. Vaz – Psicólogo. Doutor e Livre-Docente. Professor titular da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Pesquisador do CNPq. E-mail: vaz@puers.br

Endereço para correspondência:

MANOEL ANTÔNIO DOS SANTOS
Av. Bandeirantes, 3900
CEP 14040-901, Ribeirão Preto, SP, Brasil
E-mail: masantos@ffclrp.usp.br